

ARTE

Por dentro de 'Banquete da Terra', instalação da artista Denise Milan que ganha residência permanente em Pernambuco

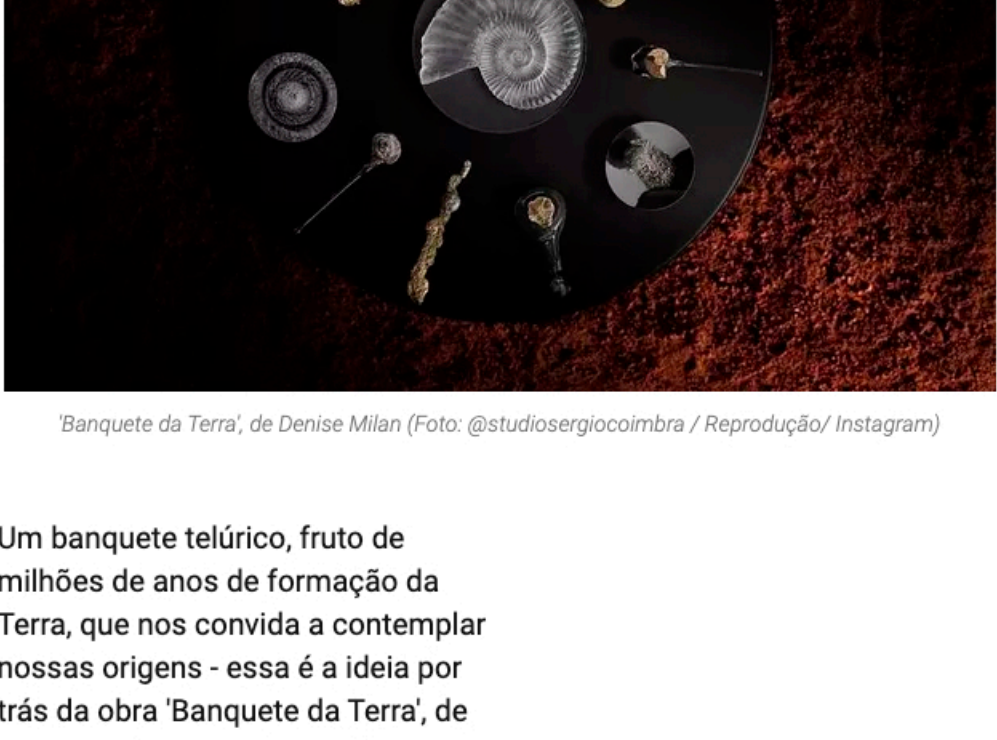
Montada em torno de uma mesa de jantar com pratos elaborados a partir de ingredientes como pedras e metais, 'Banquete da Terra', consagrada internacionalmente, agora aporta no Parque Artístico Botânico da Usina de Arte. Em entrevista ao editor de cultura e lifestyle Nô Mello, a artista paulistana conta mais sobre os processos e bastidores do seu trabalho

7 min de leitura

Ouçã ▶ ● ◀ ▶ ▶ ↺ ↻

NÔ MELLO (@NOMELLO)

18 SET 2021 - 09H51 | ATUALIZADO EM 20 SET 2021 - 10H41



'Banquete da Terra', de Denise Milan (Foto: @studiosergiocolimbra / Reprodução/ Instagram)

Um banquete telúrico, fruto de milhões de anos de formação da Terra, que nos convida a contemplar nossas origens - essa é a ideia por trás da obra 'Banquete da Terra', de Denise Milan, que, depois de ser exibida em **Veneza** (nas **exposições** 'Glasstress', em 2019, e 'Unbreakable Woman In Glass', no ano seguinte, na Fondazione Berengo Art Space) e em São Paulo (na Dan Galeria, galeria que representa a artista, em 2020), ganha a partir deste sábado (18.09) residência definitiva no Parque Artístico Botânico da Usina de Arte, em Água Preta, na Mata Sul de Pernambuco. Composto por pedras em diferentes estágios de transformação, que a artista paulistana recolheu e cozinhou, o banquete, conta Denise, serve como metáfora da **arte** e seus processos, e como representação da natureza em seu vir a ser.

Na instalação, montada em torno de uma mesa, são servidos pratos elaborados a partir de ingredientes "da terra", como cristal, pirita, amonita, ouro, prata e bronze, apresentados em diversas texturas. "É uma mesa planetária, que evoca a Terra", adianta a artista que há mais de 40 anos tem as pedras como centro de sua produção **artística**. "É um espaço-tempo aberto ao convívio, onde o **diálogo** ainda é possível, e inspirado pelos mistérios e saberes da natureza", completa. Saiba mais sobre os processos e bastidores da produção da obra, sobre o universo criativo da **artista** e seus futuros projetos, na entrevista que segue abaixo:

Vogue: Como surgiu a ideia de 'Banquete da Terra'?

Denise Milan: A ideia do 'Banquete da Terra' nasce de uma urgência profunda de nos alinharmos coletivamente e nos tornarmos conscientes de que fazemos parte de um todo maior. É um convite para participarmos da grande **aventura** da criação na Terra, durante seu trajeto no tempo e no espaço. É um chamado para quebrarmos o isolamento de nossos tempos, alimentarmos nossas **almas** e nos reunirmos em torno da mesma mesa planetária.

Como foi o processo de realização da obra?

Tudo se deu de forma orgânica e teve início no laboratório de criação da minha 'Quartzoteka', quando fazendo minhas investigações artísticas, senti a necessidade de colocar os **elementos** que estavam se configurando como obras sobre uma mesa redonda, uma tábua circular que cortei. Foi assim que surgiu a mesa. Uma mesa como significante, um lugar de acolhimento. A mesa como um lugar onde mastigamos, saboreamos, e digerimos os alimentos, representados, neste caso, pelos minerais, pedras que guardam a história de nossas **origens**.

Após uma visita do Marcello Dantas, curador do "Banquete da Terra", que imediatamente saboreou com seu olhar os alimentos minerais, as **obras** ganharam um destaque e a mesa passou a ser de vidro preto, o que deu contraponto cênico as obras-alimento. Segundo Marcello, a obra representa a metafísica da vida humana. É uma oportunidade de a gente trazer essa experiência que é geológica, que é cosmológica, e reduzi-la a uma experiência individual, que é **singular**, que é pra cada um de nós.

Quais foram as pedras escolhidas e por que?

Escolhi o geodo de quartzo, ouro, hematita, ferro, alumínio, pirita, mica-estrela, cianita e amonita, para contar sobre os **processos** de criação na Terra. São pedras que datam de 2.4 bilhões de anos à 130 milhões de anos. Elas podem, pelo conhecimento das origens que trazem, transformar radicalmente nossa percepção da natureza, de modo que possamos restabelecer e ampliar nossa ligação com a Terra.



A artista paulistana Denise Milan (Foto: Reprodução/Instagram)

Quando e onde começou a sua relação com pedras?

Foi ao fazer a **exposição** Luzes, minha primeira individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo (**MAM-SP**), que a luz passou a ser um leitmotiv, e me levou ao cristal, grande condutor de luz. Seguindo essa ideia da luz, já com as pedras, fiz a exposição 'Garden of Light', em Nova York, no P.S.1. Eu estava justamente em transição, de pedra para da exposição 'Luzes', tinha conhecido os cristais e, de repente, a pedra era tão perfeita em si, que eu me perguntava: "O que posso acrescentar a algo que já a criação trouxe com tamanha perfeição?" Isto me levou a investigar o mito do Brasil, a 'Ilha Brasilis', que aparece como essa pequena ilha no 'Garden of Light', que é esse jardim de luzes, o Brasil. Anos depois vai aparecer na **Bienal**, mas primeiro surge como um mito, e o cristal era como uma chave do invisível, uma metáfora do Brasil profundo, do país das pedras. O Brasil foi descoberto por causa de todos os viajantes que aqui chegavam em **busca** desses tesouros escondidos. Este mito, em meu trabalho, era acompanhado de um poema do século XVII que falava desse Éden, Away far away, que Haroldo de Campos traduziu como Paradiluz. Nesse poema, os cristais iam marcando os passos até chegar nessa ilha edênica, presente no imaginário do viajante, que não era só o viajante **européu**, mas eram também meus avós, nossos avós, que vêm para as Américas em busca do ideário da riqueza. É essa navegação que me levou ao 'Garden of Light'. E quando esta **exposição** aconteceu no P.S.1, causou impacto.

Em seguida participei de várias **Bienais de São Paulo**, a 21ª Bienal onde a pedra e a luz estão integradas numa experiência quase que arquitetônica, no espaço de ligação da Bienal com o MAC. Em 2003, faço 'América', onde a pedra aparece num estado natural, sem iluminação. O 'América' propõe, "e se todas as terras se juntassem numa grande pedra azul, a Terra?" Esse **trabalho** traz minha busca por aquilo que é comum. Entro em contato com o basalto, a coluna vertebral, que é no fundo a Cordilheira Mesoatlântica que sobe, e é lindo porque ele marca a direção do Brasil, Norte a Sul, desde Fernando de Noronha até o sul do continente sul-americano. É como se esses dois continentes se separassem para chegar o momento em que a ametista vai se formar. Queria encontrar ametistas com formas humanas porque eu sempre busquei o que nos aproxima. Porque pedra pode ser pedra, mas pra mim pedra ganhava sentido na medida em que ela parecia com a gente, com dramas semelhantes aos nossos.

Queria entender a dinâmica da Terra porque eu acredito que a criação, pelo menos no meu caso, não é apenas no estúdio. Eu observo como é que se dão as criações na Terra, porque ela produz estruturas que sobrevivem, e eu estou interessada em **estruturas** que sobrevivem. Então aí, o que eu estava olhando? Como é que os continentes se separaram? Eu queria entender como a ametista tinha surgido. Como é que ela tinha nascido? Ou seja, como uma pedra nasce? E é fantástico porque ali está manifestada a separação, no sentido de que a Cordilheira está lá. É o momento em que a ametista surge, porque você tem os grandes vulcanismos, e no meio daquela luta gigante aquele **corpo** se forma, e se forma enfrentando os obstáculos que é o basalto, mas o basalto também é o que abriga ela enquanto ela está se formando. É isso o que chamo de drama da matéria, que é "existir ou desaparecer". Entrei em contato com o teatro, quando fui estudar em NY. Isto me levou à 'Ópera das Pedras', um processo de luta, de **sobrevivência**, de drama, onde as pedras falam. No vídeo 'Ópera das Pedras', no SESC Pinheiros, trago doze ametistas, que depois vão entrar na 33ª Bienal de São Paulo, em 'Ilha Brasilis'. Foram mil passos até a coisa acontecer: os cristais chegarem das cavernas, buscar, achar, juntar aquelas entidades que sobrevivem ao vulcanismo da Terra. Imagine a força que cada uma dessas esculturas de pedra tem – elas trazem um ensinamento de sobrevivência que nós precisamos.

O que a mantém interessada por elas enquanto artista?

Quando estamos atentos à sua gênese e extrapolamos a função de objeto a que, muitas vezes elas ficam circunscritas, temos acesso às lições que a pedra pode transmitir. Ao escutarmos as pedras como **protagonistas** de suas próprias **narrativas** e ao nos conectarmos com as forças da Terra, podemos redefinir nossa posição diante delas e da Natureza. Com elas nos conscientizaremos dos passos da **transformação** que podem nos ensinar a superar os embates que enfrentamos no nosso dia a dia.



Banquete da Terra, de Denise Milan (Foto: Reprodução/Instagram)

'Banquete da Terra' agora aporta na Usina de Arte para ficar. Que diálogo(s) você encontra entre a sua obra e o lugar?

Num momento no qual ninguém pode se sentar junto, ela convida à aproximação; num tempo pandêmico onde os laços se fragilizam e podem ser quebrados, ela propõe uma costura. No fundo, na Usina de Arte, no Parque Artístico Botânico da Usina de Arte, em Água Preta, na Mata Sul de Pernambuco a **obra** encontra seu destino. Ela está de volta à natureza, à terra, e neste contexto uma terra na qual era produzido o açúcar, um cristal que vira alimento. A própria **obra** vai buscando e nos contando a sua vocação em um potencial que aponta muitas direções.

No que você está trabalhando atualmente? Onde mais poderemos ver seu trabalho nestes próximos meses e ano que vem?

Primeiro, na **instalação** 'Banquete do Útero Magmático' que será apresentada no novo espaço da Dan Galeria, que estará abrindo ano que vem. Tem ainda a **exposição** 'Scales', com a curadoria do Marcello Dantas, que abrirá em 2023 na galeria do Piero Atchugarry, em Miami. E sigo com 'Quartzoteka', projeto de **vida** e legado com as lições e narrativas das pedras que quero deixar para as próximas gerações.